

DESTAQUE CRISE DA DÍVIDA PÚBLICAENTREVISTA **SIMON TILFORD** Economista

“Resgate a Portugal só interessa aos bancos alemães e franceses”

A tese da austeridade como um fim não tem sentido, alerta o economista. Portugal pode entrar em auto destruição.

Luís Rego em Bruxelas
luis.rego@economico.pt

Simon Tiford, economista chefe do ‘think tank’ britânico Center for European Reform, desaconselha o país a pedir ajuda, alerta para o risco venenoso da deflação neste contexto de austeridade e defende que a única solução para a dívida nacional é entrar em incumprimento. Até sair do euro pode ser melhor que continuar neste ciclo vicioso de destruição de crescimento, explica este economista liberal.

Há uma pressão para que Portugal recorra ao fundo?

Claro que há pressão. E não é só da Alemanha, é do BCE e de outros governos. Instalou-se um clima de inevitabilidade nisto tudo e a probabilidade de Portugal cair agora é enorme. Sinceramente não vejo como Portugal pode rejeitar esta ajuda mas ao mesmo tempo não vejo que seja do interesse de Portugal pedir ajuda. É do interesse dos bancos franceses e alemães, isso sim.

É assim que justifica as declara-

“

Sem crescimento não é possível lidar com dívidas deste volume.

Só se pode olhar para problemas orçamentais quando o sector privado contribui do lado da procura, senão é um ciclo depressivo.

Pode chegar o momento em que a Alemanha já não queira fazer uma união orçamental nem pagar por tudo isto. Se a Espanha for ao tapete esse cenário é bem possível.

ções incendiárias de Berlim neste processo?

Trata-se de perguntar a quem serve que Portugal peça ajuda. A ajuda só acalma no curto prazo os credores da dívida pública portuguesa. Qual é o problema visível de Portugal? Tem muita dívida e pouco crescimento, por isso parece-me que aumentar o endividamento é uma má estratégia.

E a austeridade é boa estratégia para o crescimento económico?

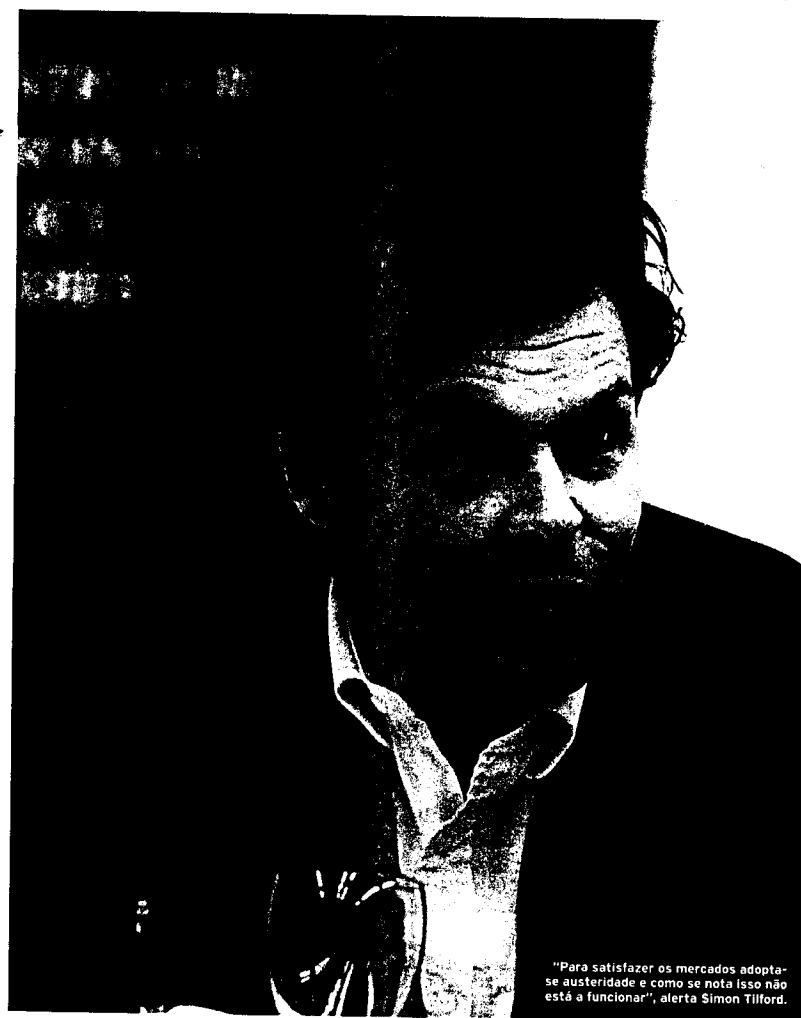
É exactamente esse o dilema. O que estamos a ver em muitos países é graus de austeridade sem precedentes que impedem e comprometem o crescimento económico. Sem crescimento não é possível lidar com dívidas deste volume. O resgate de que se fala não é um resgate. É um empréstimo, não há nenhum perdão de dívida. E por isso trata-se de uma transferência dos contribuintes portugueses para os bancos franceses e alemães que têm a maioria da dívida portuguesa. É dinheiro entregue a Portugal, com juros altos, para garantir eventuais perdas dos créditos dos bancos estrangeiros. Por isso pergunto-me que interesse tem Portugal nisto.

E qual é a alternativa? Continuar a pedir dinheiro ao mercado a taxas enormes e apertar o cinto como se não houvesse amanhã?

É uma situação muito delicada. O essencial é saber se a dívida é sustentável com este nível de crescimento que há em Portugal. Acho que não é. Só se pode olhar para problemas orçamentais quando o sector privado contribui do lado da procura, senão é um ciclo depressivo. É o que se vê. Para satisfazer os mercados adopta-se austeridade e como se nota isso não está a funcionar. Não só se compromete o crescimento de curto prazo como também o de longo prazo porque se corta em investimento e infraestruturas. É auto-destrutivo.

E o argumento ortodoxo de que a austeridade vai retomar a confiança dos agentes na economia?

É a tese alemã. Pergunto-me apenas quem é que vai querer investir em Portugal quando não há economia privada e as políticas públicas tentam retirar a pouca procura que ainda existe, quem quer investir num país sem perspectivas de crescimento? O ideal era fazer disparar as exportações. A Irlanda pode fazê-lo, tem capacidade para isso e já o demonstrou no passado, mas em Portugal não se vê hoje em dia onde pode cativar a procura externa. A tese da austeridade como um fim não tem sentido.

Na Alemanha tem funcionado, mas esse modelo é exportável?

“Para satisfazer os mercados adopta-se austeridade e como se nota isso não está a funcionar”, alerta Simon Tiford.

Na Alemanha só tem funcionado porque conseguem colocar exportações. Sem a procura externa, a economia não teria crescido nos últimos dez anos. Se todos tivéssemos o modelo alemão, todos dependíamos do exterior e caíamos numa fossa muito rapidamente. Não é um fato que sirva a todos. O que isto está a produzir são sementes de instabilidade social irreparáveis. Nenhum Governo pode manter medidas assim durante muito tempo sem a perspectiva clara de uma saída ou de crescimento económico.

E reestruturar a dívida é uma solução?

Se a dívida é insustentável ela deve ser reestruturada. O que não precisam é de nova dívida. Estou convencido que Portugal

terá de entrar em incumprimento porque está enormemente dependente de empréstimos estrangeiros. Uma grande proporção do défice é financiada de fora e, por isso, tem de haver um grande ajustamento, e isso só é possível com um ‘default’.

Os mercados atacam dentro ou fora do euro mas pelo menos fora do euro teríamos instrumentos de política cambial. Começa a fazer sentido pôr tudo em causa?

Só funciona se Portugal entrar em incumprimento antes, caso contrário a dívida seria denominada em euros e com a desvalorização explodia em valor. Mas por este andar, é possível ver isso acontecer no futuro. Para que o sistema do euro seja sustentável tem de existir uma forma de

união orçamental e um reconhecimento dos alemães que o modelo deles é nefasto para o resto da zona euro. Sem mudanças não vejo futuro. De qualquer forma, uma saída teria sempre de ser negociada. Porém pode chegar o momento em que a Alemanha já não queira fazer uma união orçamental nem pagar por tudo isto. Se a Espanha for ao tapete esse cenário é bem possível.

Entretanto qual deve ser a maior preocupação de Portugal?

Evitar deflação a todo o custo e fazer tudo o que puder para crescer. Sair do euro e desvalorizar não é pior que austeridade e deflação dentro do euro. Mas se mantiverem o caminho da austeridade vão colocar-se numa camisa-de-forças impossível de tirar. É um círculo vicioso. ■